
Aids e Linguagem: a Metaforização Militar da Doença na Revista Veja e na Revista Galileu¹

Caroline Knup TONZAR²

Thiago Henrique RAMARI³

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

O uso de metáforas militares para abordar enfermidades pode gerar consequências sociais, como a estigmatização da doença e do doente. Para refletir sobre essa constatação na mídia impressa do país, este artigo analisa a utilização dessas metáforas em relação ao HIV/Aids em duas reportagens: “Uma vítima de Aids agoniza em praça pública” (1989), publicada pela revista *Veja*; e “Eu vivo com HIV” (FERNANDES, 2017), da revista *Galileu*. A pergunta que rege a pesquisa é: como a metaforização militar da Aids aparece nessas reportagens? A metodologia adotada é a análise de conteúdo, com base em Bardin (1977) e Sontag (2007). Como resultado, observa-se que essas metáforas foram utilizadas pela revista de 1989, mas não pela de 2017, o que pode sinalizar o desenvolvimento de uma postura editorial mais consciente por parte dos veículos de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Aids; HIV; metáforas; revista *Galileu*; revista *Veja*.

Introdução

Segundo “O Livro dos Símbolos” (2012), as doenças são interpretadas com base em valores culturais e sociais. No entanto, de maneira geral, é possível afirmar que, especialmente no Ocidente, a doença tem uma conotação negativa e, quase sempre, evoca a ideia de morte. Na obra “Doença Como Metáfora/Aids e Suas Metáforas” (2007), Sontag reforça essa estreita relação entre doença e morte.

A Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é causada pelo vírus HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana) e se tornou pandêmica no início da década de 1980. De acordo com dados do UnAids (2018), 77,3 milhões de pessoas foram infectadas pelo vírus HIV até 2017. A mesma pesquisa mostra que, até o ano apresentado, o vírus causou 35,4 milhões de mortes.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: caroline_tonzar@hotmail.com.

³ Professor de Jornalismo e Relações Públicas na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), e-mail: thiago.ramari@gmail.com.

No início da epidemia, os cientistas não sabiam nada sobre o vírus. Não era possível determinar modos de contágio, práticas de riscos e vítimas em potencial. Em decorrência de todo esse desconhecimento, a nova doença gerou pânico na sociedade. Soares (2001) salienta que a Aids tirou do câncer o status de doença mais temida. Além disso, destaca que a Aids tinha potencial para ser mais que o “mal do século”: poderia ser considerada “o mal do milênio” e até “o maior mal da história da humanidade até hoje” (SOARES, 2001, p. 11).

Apesar do desconhecimento a respeito da nova enfermidade pandêmica, observava-se uma característica comum entre os efeitos que provocava nas vítimas: estas sempre morriam em decorrência de outras doenças, todas oportunistas – doenças que, no organismo de um adulto saudável, dificilmente se desenvolveriam. Socialmente e em um primeiro momento, notou-se também que a maioria das vítimas era homossexual masculina, fato que fez com que a nova doença ficasse conhecida como “peste gay” e “câncer gay” – era o início da estigmatização.

A primeira descoberta significativa sobre a doença aconteceu em 1983, no Instituto Pasteur de Paris, quando Françoise Barré-Sinoussi e Jean-Claude Chermann, cientistas liderados por Luc Montagnier, isolaram o vírus proveniente de um linfonodo de um paciente norte-americano. Com o isolamento, foi possível descobrir a causa da pandemia: o vírus HIV.

Em 1986, a mesma equipe de cientistas isolou um outro vírus, este proveniente de um doente de Guiné-Bissau, na África. Nesta análise, observou-se que, apesar das características em comum, havia um outro tipo de vírus HIV. Com isso, batizaram o primeiro vírus, descoberto em 1983, de HIV-1 e o segundo, descoberto em 1986, de HIV-2, como aponta Soares (2011, p. 24).

Com essas informações, foi possível determinar os modos de contágio da Aids: por meio do sexo desprotegido; de acidentes com objetos perfurocortantes; do compartilhamento de seringas; da transfusão sanguínea; do parto; e da amamentação. Nessas situações, há o contato com substâncias que carregam o vírus: sangue, fluidos sexuais ou leite materno.

Após as descobertas sobre os meios de transmissão, a ideia da “praga gay” perdeu força. Mesmo assim, a doença continuou (e continua até hoje) envolta por estigmas. Os pacientes começaram a ser divididos de acordo com a forma de infecção, nos chamados grupos de risco, gerando segregação e discriminação. Pessoas que contraíam o HIV por

meio de transfusão de sangue eram vistas, por exemplo, como vítimas inocentes. Já aquelas que contraíam o vírus pelo uso de drogas intravenosas e por sexo desprotegido (com destaque para os homossexuais) eram vítimas culpadas. Para estas últimas, a doença era vista como uma punição pelos pecados cometidos.

De acordo com Sontag (2007, p. 52), a divisão entre vítimas inocentes e vítimas culpadas aconteceu porque “toda sociedade, ao que parece, precisa identificar uma determinada doença como o próprio mal, uma doença que torne culpadas as suas ‘vítimas’ [...]”. Neste contexto, age um fenômeno linguístico específico: as metáforas militares são deslocadas para o campo da saúde, a fim de caracterizar o agente causador da nova enfermidade como oponente, inimigo, invasor. Consequentemente, os doentes são caracterizados da mesma forma.

Diante desse cenário, este artigo responde à seguinte pergunta: como a metaforização militar aparece nas reportagens “Uma vítima de Aids agoniza em praça pública”, publicada pela revista *Veja* em 1989; e “Eu vivo com HIV”, veiculada pela revista *Galileu* em 2017? A metodologia se ampara em uma análise de conteúdo baseada no cruzamento dos estudos realizados por Sontag (2007) e Bardin (1977), abrindo espaço para uma reflexão sobre como a mídia impressa brasileira trata a temática do HIV/Aids.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo é dividida em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, das inferências e das interpretações. A fase de pré-análise é a organização de um trabalho, ou seja, é quando o pesquisador separa o que será lido e utilizado, além de elaborar hipóteses. No caso desta pesquisa, os documentos analisados são as reportagens de capa da revista *Veja* de 26 de abril de 1989 e da revista *Galileu* de agosto de 2017. A escolha dos objetos se baseia na intenção de comparar como as metáforas militares aparecem em um texto jornalístico publicado no auge da pandemia e outro veiculado décadas depois, quando a Aids já era vista não como uma sentença de morte, mas como uma doença crônica.

Na teoria da análise de conteúdo de Bardin (1977), as outras duas fases só podem ser alcançadas após a finalização da pré-análise. Na exploração do material, segundo a autora, o pesquisador deve se debruçar sobre o material, analisando-o e extraindo dele dados diversos. Já na terceira e última fase, que é a de tratamento dos resultados, o pesquisador avaliará toda a análise, podendo dispor os resultados em tabelas para uma melhor visualização e, em alguns casos, uma melhor comparação de dados. A segunda e terceira fases são exploradas na próxima seção deste artigo.

A metaforização militar do HIV/Aids

A teoria selecionada para a análise das referidas reportagens é a de Sontag (2007). Desde o início da documentação da história humana, segundo a autora, há estudos sobre diversas doenças que se tornaram epidêmicas e devastaram lugares. Assim, e para ela, todas as pessoas nascem com uma espécie de dupla cidadania: uma quando se está saudável e outra quando se está doente – e neste último caso, é necessário aprender a lidar com as fantasias que são criadas ao redor da condição.

Na obra “Doença Como Metáfora/Aids e Suas Metáforas” (2007), Sontag diz que diversas doenças são circundadas por metáforas, como a tuberculose e câncer. A tuberculose, incurável no século XIX e responsável pela morte de muitas pessoas, especialmente na Europa, era vista de uma forma romantizada pela população, porque acreditavam que afluía o desejo sexual e espiritualizava a vida do doente. No caso do câncer, tudo se deu de outra forma. Não havia – e ainda não há – nada de romantizado ou afrodisíaco em si. A doença, desde a sua descoberta, foi retratada como um processo que consome, que acaba com o corpo do doente.

Apesar das diferenças de sentido, a tuberculose e o câncer tinham algo em comum: o uso de metáforas militares para se referir a elas. E o que são metáforas do campo semântico bélico? Tratam-se de palavras transferidas do contexto da guerra para o contexto da saúde para caracterizar doenças. Dentre os exemplos mais comuns estão “luta”, “combate”, “mal”, “invasor” e “inimigo”.

Essas metáforas eram utilizadas tanto em conversas informais entre pessoas quanto em campanhas governamentais e em publicações na imprensa. Quando uma doença está em processo de descobrimento e a ciência ainda não sabe muito sobre ela, a política do terror reina e é neste contexto, segundo Sontag (2007), que as metáforas militares executam seu papel.

No século XX, uma nova pandemia surge: a de HIV/Aids. Assim como o câncer e a tuberculose, a Aids também é envolta por uma quantidade generosa de metáforas militares. Mesmo que não pareça significativa, a questão da escolha de palavras para se falar de uma determinada doença é importante. Isto porque, segundo Sontag (2007, p. 50), “as metáforas militares contribuem para a estigmatização de certas doenças e, por extensão, daqueles que estão doentes”.

No caso da Aids, as consequências são ainda mais graves, já que a doença é, desde o início da epidemia, estigmatizada. Isto aconteceu porque os primeiros casos da doença

começaram a aparecer, em sua maioria, em homens homossexuais, o que levou a enfermidade a ser chamada de “câncer gay” ou “peste gay”. No início da década de 1980, data em que os primeiros casos foram diagnosticados, muitas pessoas pensavam a Aids como um castigo divino, já que atingia, na maioria das vezes, homossexuais, usuários de drogas intravenosas e profissionais do sexo. Além de Sontag (2007), Han (2017, p. 8) discorre sobre um dos motivos que levou à metaforização do HIV/Aids:

o século passado [século XX] foi uma época imunológica. Trata-se de uma época na qual se estabeleceu uma divisão nítida entre dentro e fora, amigo e inimigo ou entre o próprio e o estranho. Mesmo a Guerra Fria seguia esse esquema imunológico. O próprio paradigma imunológico do século passado foi integralmente dominado pelo vocabulário dessa guerra, por um dispositivo francamente militar. A ação imunológica é definida por ataque e defesa.

A visão metaforizada militarmente influenciou na maneira como a imprensa em geral tratou a nova enfermidade. De acordo com Lima (2000, p. 4), a Aids é uma doença com “um terreno fértil de metáforas médicas, políticas, religiosas [...] e de discriminação e estigmatização, constituindo-se também numa questão aberta a uma discussão sob a perspectiva do discurso-comportamento politicamente correto”. Para Spink, Medrado, Menegon, Lyra e Lima (2001), a imprensa contribuiu significativamente para a construção do repertório da Aids no começo da epidemia. Desse modo, foi responsável por fazer a doença existir no meio social, bem como suscitou preconceitos e estigmas que perduram até os dias atuais.

Ao relacionar o trabalho da imprensa e os sentidos produzidos no que se refere ao HIV/Aids, Mann et al. (1996, p. 173) dizem que

a escolha de palavras é importante porque está associada, por um lado, à luta entre os esforços de prevenção e assistência ao HIV e AIDS e, por outro lado, ao status quo do pensamento da comunidade. As palavras têm muitos significados ou códigos diferentes. Dentre os exemplos da evolução da linguagem da AIDS estão: prostitutas – hoje amplamente designadas profissionais do sexo; paciente/vítima de AIDS – pessoa com AIDS; viciado – usuário de drogas; hemofílicos – pessoas com hemofilia; pessoa promíscua – pessoa com vários parceiros sexuais; grupo alvo – comportamento alvo.

Segundo estudos de Spink, Medrado, Menegon, Lyra e Lima (2001), a Aids possibilitou à mídia um fenômeno que denominam Aids-notícia, uma vez que tanto o vírus quanto a doença possuem agentes que facilitam e instigam a produção de materiais jornalísticos. Para os autores, a primeira característica que favore a produção de notícias

é o impacto e o interesse público - por ser uma doença pandêmica, o mundo todo estava interessado em saber mais sobre ela, fosse por curiosidade, fosse por medo. A segunda característica está relacionada aos diversos enfoques que podem ser abordados, bem como a diversa quantidade de fontes (especializadas ou não) à disposição de entrevistas. A terceira característica está nos conceitos de exclusividade e ineditismo, já que o HIV/Aids figurava como um assunto totalmente novo, em que descobertas eram realizadas todos os dias. Todos esses fatores atraíam a atenção dos leitores e contribuíam para uma maior lucratividade dos meios de comunicação.

Segundo Sontag (2007), as metáforas militares, quando utilizadas para se referir a doenças, podem transformar o doente em vítima, mas uma vítima nem sempre inocente. Esta tese foi comprovada pela Aids, já que, segundo Jeolás (2007, p. 57, grifo da autora), “as doenças sexualmente transmissíveis sempre foram moralizadas, admitindo, portanto, além de *vítimas culpadas*, as *vítimas inocentes*: na sífilis, as mulheres casadas e as crianças; na aids, os hemofílicos, as crianças e as mulheres casadas”.

Desse modo, é possível inferir que a linguagem utilizada pelos meios de comunicação e a abordagem jornalística dada a uma determinada publicação direcionam a interpretação do leitor. Por isso, é importante que os jornalistas sempre estejam atentos às palavras, às imagens e aos demais elementos gráficos que utilizam nos materiais que produzem. Além disso, é necessário evitar ao máximo as metáforas militares apontadas por Sontag (2007).

Revista Veja

Na edição 1.077 da revista Veja, publicada em 26 de abril de 1989, a reportagem de capa é sobre a rotina do cantor e compositor Cazuza após o diagnóstico positivo para Aids. Tanto a reportagem como a capa geraram polêmica junto à sociedade: a primeira, pelo tom adotado; a segunda, pela fotografia do artista pesando 40 quilos e pela manchete: “Uma vítima de Aids agoniza em praça pública”.

Já na capa é possível identificar uma metáfora que tem proximidade com o campo semântico da guerra: o verbo conjugado *agoniza*. De acordo com o dicionário online Michaelis, agonizar significa “estar na agonia da morte ou estar prestes a morrer”. O vocábulo remete ao sofrimento e está relacionado à morte – exemplo disso pode ser encontrado em reportagens que tratam sobre conflitos bélicos, como “Iêmen: A Guerra

Esquecida” (2016), na qual a autora, Flávia Mantovani, afirma logo no primeiro parágrafo:

Retalhado entre grupos opostos e facções terroristas, alvo de bombardeios aéreos constantes, com a economia em frangalhos, hospitais destruídos e uma crise de fome e desnutrição que está matando suas crianças, o Iêmen agoniza, mas pouca gente vê.

A metáfora militar constituída pelo verbo agonizar é reforçada pelo predicado da manchete: “em praça pública”. Em guerras, combatentes e civis gravemente feridos agonizam por muito tempo em locais públicos até morrerem. Trata-se de uma cena comum aos conflitos bélicos, retratada com frequência em reportagens da imprensa e em obras de arte. No caso do objeto de análise, a revista coloca Cazuzza como alguém que foi gravemente atingido por um inimigo (o vírus HIV, a Aids) e está em agonia, “em praça pública”, à espera da morte. Na reação dos familiares, amigos e leitores ao tom adotado pela *Veja*, um dos argumentos foi justamente o de que a morte do artista foi decretada antes mesmo de acontecer, como demonstra a reportagem “‘*Veja*’ revolta Cazuzza e seus amigos”, publicada em 26 de abril de 1989, na página 3 do Caderno 2 do jornal *O Estado de S. Paulo*:

O empresário João Araújo, pai de Cazuzza e diretor da gravadora Som Livre, disse que, “se a intenção da revista *Veja* era cometer assassinato, quase conseguiu”. Para ele, a reportagem “invadiu de forma criminosa o campo pessoal”, quando deveria “ater-se à finalidade informativa e crítica a que se propunha inicialmente”. Araújo disse ainda: “Ninguém tem o direito de sentenciar os outros, condenar uma pessoa à morte, ou, pior que isso, declará-la morta por antecipação” (grifo do autor).

Internamente, em oito páginas de reportagem, Cazuzza tem sua vida exposta. Os jornalistas responsáveis utilizam inúmeras metáforas militares, especialmente no início da reportagem. Como Cazuzza não era hemofílico e tampouco havia feito transfusão de sangue, os holofotes se voltaram, também, aos hábitos que o levaram a contrair o vírus HIV. De acordo com Sontag (2007), a sociedade moderna sempre busca culpados para determinados acontecimentos – e, muitas vezes, os culpados são as próprias vítimas. No caso da Aids, isso acontece de forma mais evidente, na comparação com outras doenças, pois “o comportamento perigoso que produz a Aids é encarado como algo mais do que

1-d) “[...] Agenor de Miranda Araújo Neto <i>definha</i> um pouco a cada dia [...]” (p. 80)	2-d) “[...] pensando: <i>eu vou morrer, eu vou morrer</i> ” (p. 83)
1-e) “[...] atraídos pela <i>tragédia</i> de Cazuza” (p. 80)	2-e) “[...] comunicou que <i>iria morrer</i> ” (p. 83)
1-f) “[...] desconfiasse do <i>mal que o acometia</i> ” (p. 84)	2-f) “[...] com ar de <i>funeral</i> ” (p. 83)
1-g) “[...] se aproveitando da <i>tragédia</i> do cantor” (p. 84)	2-g) “[...] <i>‘Gente, estou morrendo!’</i> ” (p. 83)
1-h) “[...] frente ao que julgam ser <i>grandes tragédias</i> ” (p. 85)	2-h) “[...] <i>‘eu morro, mas morro amando’</i> ” (p. 84)
1-i) “Entre os que <i>sofrem de Aids</i> [...]” (p. 85)	2-i) “[...] <i>‘Como a morte para ele é algo presente [...]’</i> ” (p. 85)
	2-j) “[...] como uma espécie de <i>testamento, de últimas palavras</i> ” (p. 85)
	2-k) “[...] e venha a <i>morrer</i> dentro do estúdio” (p. 86)

Fonte: os autores. Grifos nossos.

Na coluna que mostra as metáforas militares, é possível identificar o uso de diversos vocábulos extraídos de um contexto de guerra ou, apesar de pertencentes a outro campo semântico, aderentes e utilizados com frequência pela seara bélica. Quando transferidas do contexto militar para o contexto do HIV/Aids, estas palavras motivam o imaginário de quem as lê, reforçando a relação entre doença e morte. A enfermidade é vista como um mal e, em muitos casos, a pessoa que padece dela também, já que pode transmiti-la na sociedade. No objeto analisado, Cazuza luta contra a Aids como um soldado luta contra inimigos em uma guerra; neste embate, ele resiste, sofre, torna-se (ou é) abatido, definhando no interior de uma tragédia que termina, neste caso, com a morte. Toda a narrativa é permeada pelas metáforas de guerra.

Revista Galileu

Na edição 313 da revista Galileu, publicada em agosto de 2017, a capa mostra o youtuber e ativista Gabriel Estrela. Ele é retratado com aparência considerada saudável, à frente de um fundo vermelho. A manchete chama a atenção com as palavras: “Eu vivo

com HIV e o preconceito é a pior parte”. Não há nenhuma metáfora militar, tampouco qualquer relação que alie doença e morte.

Imagem 2 – Capa da edição 313 da revista Galileu, de agosto de 2017.



Fonte: Acervo digital da revista Galileu

Internamente, em doze páginas, a reportagem traz uma abordagem um tanto quanto positiva sobre o HIV/Aids. Assuntos como o tratamento e a possibilidade de ser indetectável e intransmissível, bem como depoimentos de pessoas que vivem bem com o HIV, são encontrados no texto. Além disso, a revista zela por uma linguagem politicamente correta. Palavras e termos considerados preconceituosos aparecem sempre entre aspas e, posteriormente, o autor explica quais expressões devem ser utilizadas para que se evite a estigmatização. A tabela abaixo lista os termos politicamente incorretos citados pela publicação, bem como as correções que realiza com fins educacionais.

Tabela 2 – Termos politicamente incorretos e suas respectivas correções presentes na reportagem da revista Galileu (FERNANDES, 2017).

3) Termos politicamente incorretos	4) Correções
------------------------------------	--------------

3-a) “[...] me preocupar em não ser ‘ <i>promíscuo demais</i> ’ [...]” (p. 36)	4-a) O autor, que é gay, utiliza a expressão para mostrar como a associação entre HIV/Aids e homossexualidade ainda existe. Para explicar que a relação é incorreta, ele corrige, citando o irmão heterossexual: “[...] como se meu irmão fosse imune a infecções” (p. 36)
3-b) “A ideia de se tornar um ‘ <i>aidético</i> ’ quase o fazia [...]” (p. 40)	4-b) “O correto é ‘ <i>doente de Aids</i> ’ ou ‘ <i>peessoa vivendo com HIV</i> ’, quando não há manifestação da doença” (p. 40)
3-c) “Foi exatamente essa crença no tal <i>grupo de risco</i> que fez [...]” (p. 43)	4-c) “Por isso, o termo usado para definir a parte da população em que a epidemia se concentra mais [...] é ‘ <i>população-chave</i> ’” (p. 43)

Fonte: os autores. Grifos nossos.

Em relação às metáforas militares, o autor as usa justamente para introduzir e ilustrar o assunto tratado por Sontag (2007), demonstrando uma consciência sobre a relação entre linguagem e estigmatização. Na reportagem, o autor destaca o cuidado que se deve ter com as palavras quando fala-se sobre HIV/Aids. Na tabela abaixo, estão descritas algumas das metáforas militares presentes no texto, bem como a explicação do contexto em que foram utilizadas. Algumas dessas metáforas foram extraídas literalmente da obra “Corpo a Corpo: Aids, Diário de uma Guerra”, de Alain Emmanuel Dreuilhe.

Tabela 3 – Metáforas militares presentes na reportagem da revista Galileu (FERNANDES, 2017).

5) Metáforas militares	6) Contexto de uso
5-a) “[...] reforçam a ideia de que quem vive com o vírus é como um <i>bandido</i> [...]” (p. 39)	6-a) Usada para criticar o tom alarmista de algumas reportagens que falavam sobre pessoas que transmitiam o HIV de propósito.

<p>5-b) “[...] numa ‘<i>guerra</i> surrealista na qual o <i>guerreiro</i> seria ao mesmo tempo o <i>campo de batalha</i>, o <i>canhão</i>, o <i>inimigo</i> e a <i>vítima</i>’” (p. 39)</p>	<p>6-b) Usadas para criticar o tom alarmista de algumas reportagens que falavam sobre pessoas que transmitiam o HIV de propósito.</p>
---	---

Fonte: os autores. Grifos nossos.

De acordo com a reportagem da Galileu (FERNANDES, 2017, p. 43, grifo nosso)

na era de filmes como “Alien” e “Star Wars”, referir-se desse modo a um corpo desconhecido que chega para “*destruir*” os seres humanos pode até parecer relativamente apropriado. Mas, para Sontag, esse tipo de figura faz com que a própria vítima seja vista como culpada – é o lado sombrio da Força em sua melhor forma.

Se, por um lado, a Galileu não usa metáforas militares sem um propósito de conscientização, por outro não escapa totalmente à estratégia de criar uma atmosfera de ficção científica em torno do HIV/Aids, uma tendência também identificada por Sontag (2007). A atmosfera de ficção científica, também encontrada em textos sobre o câncer, ficou mais acentuada nos materiais relativos à Aids, segundo a autora. No único exemplo identificado, diz a reportagem: “[...] se o HIV não se replica, ele não *destrói nossos portais*” (FERNANDES, 2017, p. 36, grifos nossos), referindo-se ao fato de que, se não se multiplica dentro do organismo, o vírus não atinge as células do sistema imunológico humano, em especial as do tipo CD4. A criação desse cenário também contribui para estigmatizar as vítimas, pois implica a noção de um inimigo externo que quer destruir a humanidade.

Veja *versus* Galileu

Ao tecer uma conferência entre as reportagens da revista Veja e da revista Galileu, identificam-se muitas diferenças. Para efeito de comparação, a tabela abaixo mostra alguns desses aspectos de ambas as publicações.

Tabela 4 – Comparações entre a revista Veja (1989) e a revista Galileu (FERNANDES, 2017).

7) Veja (1989)	8) Galileu (FERNANDES, 2017)
7-a) <i>Foto da capa</i> : mostra o cantor e compositor Cazusa com quarenta quilos e fragilizado pela Aids, o que associa a doença à morte.	8-a) <i>Foto da capa</i> : mostra o ativista Gabriel Estrela em uma pose imponente e com uma aparência considerada saudável, não associando o HIV/Aids à morte.
7-b) <i>Manchete da capa</i> : utiliza palavra associada às metáforas militares e, também, associa a Aids à morte (“agoniza” e “em praça pública”).	8-b) <i>Manchete da capa</i> : não utiliza nenhuma metáfora militar e não faz alusão à associação de doença e morte. Propõe-se a falar sobre o preconceito enfrentado pelas pessoas que vivem com HIV/Aids.
7-c) <i>Metáforas militares na reportagem</i> : há uma grande quantidade de metáforas militares na matéria. Palavras como <i>mal</i> , <i>tragédia</i> , <i>luta</i> e <i>resiste</i> podem ser encontradas nas páginas da revista. Com o auxílio delas, reforça-se a associação entre doença e morte, conforme aponta Sontag (2007).	8-c) <i>Metáforas militares na reportagem</i> : as metáforas militares aparecem no texto, mas apenas para ilustrar uma visão comum no início da epidemia, conforme descrito por Alain Emmanuel Dreuilhe. Além disso, a reportagem aborda o estudo de Sontag a respeito das metáforas bélicas, a fim de conscientizar o leitor. Desse modo, é possível inferir que o autor teve um zelo lexical.
7-d) <i>Tom da reportagem</i> : trata o HIV/Aids como o verdadeiro mal e o relaciona sempre à morte. Antecipa a morte de Cazusa, o que causou polêmica no Brasil.	8-d) <i>Tom da reportagem</i> : trata o HIV/Aids de forma positiva e didática. Mostra dados e informações sobre o tratamento atual, sobre a possibilidade de se tornar indetectável e intransmissível, bem como fotografias de pessoas que vivem com o HIV e são saudáveis.

Fonte: os autores. Grifos nossos.

As diferenças observadas entre as duas reportagens, sobretudo no que tange ao uso de metáforas militares a respeito do HIV/Aids, indicam provavelmente o desenvolvimento de uma postura editorial mais consciente por parte dos veículos de comunicação ao longo das últimas quatro décadas. Essa mudança é relevante e positiva, uma vez que sinaliza para a quebra de preconceitos que ainda estigmatizam pessoas que vivem com o vírus HIV. Sabe-se que, dentre as várias maneiras de se conscientizar a

população sobre determinados assuntos, a escolha de um léxico apropriado para as reportagens jornalísticas é uma das mais eficazes.

Considerações finais

Sontag (2007) defende que as metáforas militares não devem ser utilizadas para se referir a doenças, uma vez que geram consequências às vítimas. Entretanto, a autora diz que, além disso, é necessário também desmascará-las, criticá-las e atacá-las quando possível:

a metáfora que estou mais interessada em aposentar, mais ainda depois do surgimento da Aids, é a metáfora militar. Sua utilização inversa – o modelo médico do bem-estar público – provavelmente tem consequências ainda mais perigosas e extensas, pois ela não apenas fornece uma justificativa persuasiva para o autoritarismo, como também aponta implicitamente para a necessidade da repressão violenta por parte do Estado (equivalente à remoção cirúrgica ou ao controle químico das partes indesejáveis dos “doentes” do organismo político). Mas o efeito das imagens militares sobre a conceituação da doença e da saúde está longe de ser irrelevante. Elas provocam uma mobilização excessiva, uma representação exagerada, e dão uma contribuição de peso para o processo de excomunhão e estigmatização do doente (SONTAG, 2007, p. 87).

Apesar de Sontag (2007, p. 50) considerar que o uso abusivo da metáfora militar seja talvez inevitável numa sociedade capitalista, com este estudo foi possível observar que é possível produzir uma publicação midiática (impressa, radiofônica ou televisiva) sem usar metáforas militares. Ao comparar a edição da revista *Veja* com a edição da revista *Galileu*, verificou-se essa possibilidade, calcada, indubitavelmente, no tempo e no contexto histórico em que estão inseridas.

Mesmo com as diferenças de contexto e ambientação, o que deve ser levado em conta é a possibilidade de aposentar o uso da metáfora bélica, como apontado por Nunes Mello na revista *Galileu* (FERNANDES, 2017, p. 43): “com o avanço da medicina será possível ‘buscar novas metáforas e palavras para construir um novo imaginário em torno do HIV’”. E, talvez, não apenas em relação ao HIV, mas a toda e qualquer enfermidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

DREUILHE, Alain Emmanuel. **Corpo a corpo: Aids, diário de uma guerra**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

FERNANDES, Nathan. Eu vivo com HIV e o preconceito é a pior parte. **Revista Galileu**, Editora Globo, n. 313, p. 34-45, ago. 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2 ed. amp. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JEOLÁS, Leila Sollberger. **Risco e prazer: os jovens e o imaginário da AIDS**. Londrina: Eduel, 2007.

LIMA, Nonato. A aids e outras falas: uma reflexão sobre metáforas e neologismos relacionados com doenças. **Revista de Letras**, Ceará, v.1/2, n. 22, jan.-dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl22Art14.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2018.

MANN, Jonathan; TARANTOLA, Daniel; NETTER, Thomas. **From the epidemiology to vulnerability to human rights**. In: Aids in the world II. Nova York: Oxford University Press, 1996.

MANTOVANI, Flávia. Iêmen: a guerra esquecida. **G1**. Disponível em: <<http://especiais.g1.globo.com/mundo/2016/iemen-a-guerra-esquecida>>. Acesso em: 04 maio 2019.

SOARES, Marcelo. **A aids**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora/Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito; MENEGON, Vera; LYRA, Jorge; LIMA, Helena. A construção da aids-notícia. **Caderno de saúde pública**, Rio de Janeiro, jul.-ago. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csp/2001.v17n4/851-862/pt>>. Acesso em: 16 set. 2018.

THE ARCHIVE for research in archetypical symbolism. **O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas**. Köln: Taschen, 2012.

UMA VÍTIMA da aids agoniza em praça pública. **Revista Veja**, Editora Abril, n. 1.077, p. 80-87, 26 abr. 1989.

UNAIDS. **Estatísticas globais sobre HIV 2017**. 2018. Disponível em: <https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2018/07/2018_07_17_Fact-Sheet_miles-to-go.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2018.

“VEJA” revolta Cazuza e seus amigos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 abr. 1989. Caderno 2, p. 3.